

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE DIREITO MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA, JUSTIÇA E CIDADANIA

AUGUSTO CÉSAR MIRANDA MAGNAVITA

GESTÃO DE RISCOS NA SEGURANÇA UNIVERSITÁRIA: UMA ABORDAGEM NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA -CAMPUS ONDINA

AUGUSTO CÉSAR MIRANDA MAGNAVITA

GESTÃO DE RISCOS NA SEGURANÇA UNIVERSITÁRIA: UMA ABORDAGEM NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA -CAMPUS ONDINA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Direito, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Guedes

M196 Magnavita, Augusto César Miranda,

Gestão de riscos na segurança universitária: uma abordagem na Universidade Federal da Bahia -Campus Ondina / por Augusto César Miranda Magnavita. – 2016.

68 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Guedes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Direito, Salvador, 2016.

1. Segurança pública. 2. Violência. 3. Prevenção do crime. 4. Universidade Federal da Bahia. I. Guedes, Paulo. II. Título.

CDD-363.1

AUGUSTO CÉSAR MIRANDA MAGNAVITA

GESTÃO DE RISCOS NA SEGURANÇA UNIVERSITÁRIA: UMA ABORDAGEM NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA -CAMPUS ONDINA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública, Justiça e Cidadania, Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 19/08/2016.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Guedes — Orientador
Doutor em Sociologia Econômica e das Organizações pelo Instituto Superior de Economia e Gestão,
da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
Universidade Federal da Bahia
João Apolinário da Silva
Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador (Unifacs), Bahia, Brasil.
Universidade Federal da Bahia
Valmir Farias Martins
Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador (Unifacs),

Faculdade Dom Pedro II

"A ideia revolucionária que define a fronteira entre os tempos modernos e o passado é o domínio do risco: a noção de que o futuro é mais do que um capricho dos deuses e de que homens e mulheres não são passivos ante a natureza".

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais
A Deus por minha existência e por me acompanhar sempre.
À minha família pelos momentos de privação da minha companhia.
Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Guedes, pela paciência.
Aos meus colegas do Curso de Mestrado pela convivência salutar e prazerosa.
Ao colega e amigo João Apolinário pelo apoio na construção deste trabalho.
À Coordenação do Curso de Mestrado em Segurança Pública Justiça e Cidadania da UFBA.
Muito obrigado por existirem!!!

MAGNAVITA, Augusto César Miranda. Gestão de Riscos na Segurança Universitária: uma abordagem na Universidade Federal da Bahia - *Campus* Ondina. 68 f. il. 2016. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

O crescimento da violência nos grandes centros urbanos, acentuado a partir da década de setenta do século vinte, tem suscitado reflexões de diversos segmentos da sociedade no sentido de buscar soluções para tal fenômeno. Dentro dessa conjuntura, determinados espaços urbanos, regidos por legislações específicas, têm sido alvo do aumento da violência, facilitada pelo modelo de segurança utilizado. Trata-se do Campus Universitário, que, devido a tradições e culturas medievais, são espaços públicos em que a produção do conhecimento não teria a necessidade de aplicação de organismos públicos para controle da segurança (universidades federais, universidades estaduais e municipais). Contudo, há uma transformação contemporânea em que existe uma exposição de riscos que precisam ser mitigados. Os riscos são de diversas naturezas, inclusive aqueles produzidos pelo aumento da violência e da criminalidade, que se distribui uniformemente em todo território. A pesquisa, que teve como objetivo principal discutir o risco e a segurança no ambiente acadêmico da Universidade Federal da Bahia, aplicando-se o método de estudo de caso, encontrou as seguintes evidências: a) existem riscos inerentes à produção de conhecimento, estando eles vinculados a diversos ambientes; b) há riscos que envolvem a segurança pública, estes se evidenciam pelo avanço da violência e da criminalidade nos espaços urbanos da cidade de Salvador; e c) por fim, constatou-se que há uma necessidade urgente em se fazer o planejamento de prevenção e redução de riscos em toda a universidade, principalmente daqueles que têm uma interface direta com a segurança pública.

Palavras-chave: Segurança. Risco. Gestão. Universidade Federal da Bahia.

MAGNAVITA, Augusto César Miranda. Risk Management The University Security: an approach at the Federal University of Bahia - *Campus* Ondina. 68 f. il. 2016. Dissertation (Master) – College of Law, Federal University of Bahia, Salvador, 2016.

ABSTRACT

The increase in violence in major urban centers, sharp from the seventies of the twentieth century has given rise to reflections of various segments of society to seek solutions to this phenomenon. Within this context, certain urban areas governed by specific legislation, have been the subject of increasing violence facilitated by the security model used. This is the university campus that due to traditions and medieval cultures, are public spaces where the production of knowledge would not have the need to apply public agencies for security control (Federal Universities, State and Municipal Universities). However, there is a modern processing in which there is a risk of exposure that need to be mitigated. The risks are of different nature, including that produced by the increase of violence and crime that is distributed evenly throughout the territory. The survey, which aimed to discuss the risk and safety in the academic environment of the Federal University of Bahia, applying the case study method, found the following evidence: a) there are risks inherent in the production of knowledge, state they subject to different environment; b) there are risks involving public safety, these are evidenced by the advance of violence and crime in urban areas of the city of Salvador; and c) finally, it was found that there is an urgent need to make the planning of prevention and risk reduction throughout the university, especially those that have a direct interface with the public safety.

Keywords: Safety. Risk. Management. Federal University of Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Incêndio no laboratório de Química – UFBA, 21/03/2009	19
Figura 2 - Demonstração de equipamento que deu causa a incêndio no labora	tório
de Química da UFBA em 21/03/2009	20
Figura 3 – Ataque a bomba mata cientista nuclear do Irã	21
Figura 4 – Planta do campus de Ondina	24
Figura 5 – Entrada principal do campus de Ondina	25
Figura 6 – Vista aérea da entrada do campus de Ondina	25
Figura 7 – Vista aérea do campus de Ondina	26
Figura 8 – Placa de advertência colocada por alunos 1	28
Figura 9 – Placa de advertência colocada por alunos 2	28
Figura 10 – Agências bancárias no interior do campus de Ondina	31
Figura 11 – Caminhos do campus de Ondina	33
Figura 12 – Grandes extensões de mata	34
Figura 13 - Demarcação de espaços livres para uso de substâncias psicoativas.	35
Figura 14 – Escadaria da Escola Politécnica	36
Figura 15 – Proteção contra furto e/ou roubo	37
Figura 16 – Espaços degradados	38
Figura 17 – Gestão do Risco.	47
Figura 18 - Processo de gestão de riscos	51
Figura 19 – Atuação do policiamento público	55
Figura 20 - Etapas de um Programa de Segurança Universitária - PSA	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	.10
1.1	CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA E DA HIPÓTESE	.13
1.2.	OBJETIVOS	.14
1.2.1	l Objetivo geral	.14
1.2.2	2 Objetivos específicos	.14
1.3	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	.15
1.4	METODOLOGIA	.15
2	O RISCO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A PRODUÇÃO CONHECIMENTO COM RISCO.	DO .17
2.1	O RISCO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.	.18
2.2	PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COM RISCO	.18
2.3	A INSTITUIÇÃO QUE PRODUZ CONHECIMENTO E SEUS RISCOS: UFBA	
2.3.1	l Visão estratégica do <i>campus</i> de ondina	.24
2.3.2	2 Caracterização do ambiente interno do <i>campus</i> de ondina	.31
3	A TEORIA DO RISCO APLICADA AO <i>LOCUS</i> DA PRODUÇÃO CONHECIMENTO.	
3.1	A TEORIA DO RISCO E SUAS APLICAÇÕES	.39
3.2	A VISÃO DA TEORIA DO RISCO SOB A PERSPECTIVA DE U INSTITUIÇÃO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	
4	ANÁLISE PROPOSITIVA PARA MINIMIZAÇÃO DE RISCOS NO AMBIEN DE CONHECIMENTO.	
4.1	PLANEJAMENTO DA ANÁLISE DO RISCO	.46
4.2	APLICAÇÃO DE POLICIAMENTO PÚBLICO E PRIVADO	.54
5	CONCLUSÃO	.58
	REFERÊNCIAS	.61
	APÊNDICE A – Questões Operacionais (Análise de Riscos)	.65
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista	.67

1 INTRODUÇÃO

O clima de violência e insegurança que se vive em nosso país tem provocado mudanças substanciais na forma de "estar", "transitar" e "conviver" em espaços públicos, tais como ruas, parques, centros comerciais, restaurantes, edifícios públicos e, notadamente, instituições de ensino superior.

Hodiernamente se vivencia no cenário do país um momento conturbado em que as ondas de violência começaram a colidir dentro de ambientes acadêmicos como as universidades. Ocorre que estudantes de diferentes universidades federais têm convivido bem de perto com um sentimento que não podia estar em um ambiente de ensino e aprendizado: o medo.

A origem, consequências e prevenção da insegurança têm sido tratadas a partir de diversos pontos de vista, sendo que a maioria deles ressalta a sua natureza complexa em termos sociais, políticos, econômicos, legais, culturais, territoriais e tecnológicos.

Ademais, se reconhece que tal fato requer atenção concorrente dos mais variados setores da sociedade: público, social, privado. A insegurança tem tocado as áreas mais sensíveis da nossa sociedade e tem mostrado a fragilidade e vulnerabilidade dos espaços de produção do conhecimento, em todos os níveis. Não é por menos que este tema permanece na agenda de discussão das autoridades locais e que também seja tema de investigação por parte das próprias instituições de nível superior.

Dessa maneira, como se registrou em epígrafe, e como se verificará no decorrer da presente dissertação, a incidência de crimes dentro das universidades federais cresce e tem gerado perigo e medo em níveis alarmantes, perturbando a ordem e a paz públicas, o que gera um ambiente de insegurança e intraquilidade no seio do ambiente de produção do conhecimento, necessitando de políticas públicas e ações voltadas para restabelecer a paz social.

A falta de segurança se espalha por outros centros universitários federais do país. Há nove anos a Universidade de São Paulo (USP) enfrentava situação parecida. Em 2002, sete mulheres foram violentadas dentro do *campus*.

Agora os crimes mais comuns na USP são os sequestros-relâmpago. Em um dos maiores centros universitários do país, onde circulam cerca de cem mil pessoas e 20 mil carros por dia, só este ano foram registrados mais nove casos. (VIOLÊNCIA..., 2011).

Tratando-se da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem-se a notícia:

O VN denuncia a ocorrência de assaltos constantes dependências da UFBA (Universidade Federal da Bahia) há anos, mas não tem jeito: estudantes e funcionários da instituição continuam sofrendo com a presença de criminosos e contando com a sorte para chegar em casa a salvos. Nesta quinta-feira (25), uma aluna utilizou uma página da universidade no Facebook para mostrar sua indignação e informar que em menos de uma semana, ficou sabendo de 10 assaltos ocorridos nas dependências da universidade. É um absurdo a falta de segurança que estamos vivenciando e não podemos simplesmente deixar pra lá! Precisamos nos mobilizar para tentar modificar esse panorama, não podemos aceitar. Podemos fazer uma paralisação e mobilizar nossos professores, colegas, DA's juntos, conseguirmos alguma mudança, (ESTUDANTES..., 2016).

Neste contexto, cinge-se a premente necessidade de que as instituições públicas estejam em sintonia na busca incessante do controle da criminalidade. Desta forma, o presente autor acredita que o caminho a ser trilhado pelas universidades federais seria a introdução da gestão de riscos como parte da solução para a mitigação dos efeitos da insegurança, além do envolvimento das forças públicas de segurança dentro das universidades federais visando concentrar esforços para implementação de uma defesa eficiente e eficaz, buscando-se a realização de um trabalho conjunto entre a Universidade e a Polícia Militar com a tarefa primordial de conter o exponencial aumento dos crimes.

Vale ressaltar que, na prática, algumas situações já foram realizadas, mesmo que de forma incipiente, envolvendo a Universidade e a Polícia Militar, trazendo bons resultados, contudo. A possibilidade da ação conjunta entre a Universidade e a Polícia Militar poderá aproximar ainda mais as duas importantes instituições, propiciar uma proteção maior das universidades e solucionar o problema da criminalidade de forma mais célere, eficiente, favorecendendo não apenas aqueles que estão inseridos dentro do ambiente das universidades federais mas toda a sociedade.

Apenas para frisar as situações positivas entre as duas instituições:

Em Minas Gerais a Polícia Militar e a Universidade Federal de Minas Gerais firmaram o Convênio nº 328/08 que contém em sua "Cláusula Primeira".

"Constitui objeto do presente Convênio a cooperação mútua entre os partícipes visando à manutenção de dois Postos de Policiamento da PMMG, sendo a Sede do 3º Esquadrão no Campus Universitário da Pampulha e o PPM. 2/3º Esquadrão no Museu de História Natural e Jardim Botânico, a fim de garantir o policiamento ostensivo e a preservação da ordem pública nas áreas acima mencionadas." (FOUREAUX, 2012).

Assim, o presente trabalho tem o escopo de analisar o cenário atual da violência no *locus* da produção do conhecimento, principalmente as variáveis que contibuem para os resultados ameaçadores, além de introduzir o conceito de gestão de riscos e sugerir que o papel da segurança nestas instituições seja compartilhado entre o policiamento público e suas instituições, que têm o dever de tutelar a sociedade, e averiguar a possibilidade, na Bahia, com enfoque na Universidade Federal da Bahia – *Campus* Ondina –, da defesa ostensiva dentro do ambiente acadêmico.

Atualmente, a segurança dentro dos *campi* universitários é gerenciada por um setor denominado de Coordenação de Segurança (COSEG), que no caso da UFBA está atrelado à Reitoria, conforme consta no seu Regimento Interno (2010):

Art. 29. À Reitoria, órgão executivo da administração superior, incumbe a coordenação, fiscalização e superintendência das atividades da Universidade, incluindo:

I - ensino, pesquisa e extensão;

II - planejamento e orçamento;

III - gestão de pessoas;

IV - assistência aos estudantes:

V - manutenção patrimonial e gerenciamento de obras;

VI - segurança e gestão ambiental;

VII - administração.

Parágrafo único. As atividades discriminadas neste artigo serão exercidas por Pró-reitoras e órgãos específicos, que funcionarão nos termos do Regimento Geral da Universidade e do Regimento da Reitoria. (UFBA, 2010, p. 33 e 34).

Com efeito, a segurança, propriamente dita, dos *campi* é realizada por empresa terceirizada, contratada através de licitação para efetuar os serviços de vigilância e proteção do patrimônio público, responsável exclusivamente pela proteção dos espaços e bens da universidade, ou seja, sem compromisso direto com a segurança das pessoas. Tudo isso sob a coordenação do órgão acima referido.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA E DA HIPÓTESE

A segurança no interior das universidades sempre foi um tema que gera discussões acaloradas, uma vez que gera risco e medo no meio acadêmico.

Comportamentos e atos violentos ocorrem em muitas instituições, incluindo as universidades, produzindo danos, absenteísmo, ferimentos e até mesmo mortes. No entanto, no contexto nacional, há poucos estudos que fornecem evidência empírica ao conhecimento sobre essa violência estudantil. Grande parte da investigação centra-se na violência causada por conflitos armados e crimes comuns.

Os riscos advindos da insegurança geram incertezas e ameaças, que não podem ser administrados se não forem tratados com rigor científico e dentro de uma metodologia própria para este mister.

Tema recente nas organizações públicas, o risco está presente em todas as atividades de natureza humana, e o seu gerenciamento já é aplicado nas empresas privadas, notadamente nas empresas que lidam com recursos financeiros.

Diante dessa realidade, abre-se uma demanda bastante sentida por todos que frequentam diariamente um *campus* universitário, e surge o questionamento: a introdução da gestão de riscos poderá contribuir para melhorar a segurança universitária na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no *campus* de Ondina?

Delimitou-se o tema por meio de três linhas de ação:

- a) Introduzir o tema do risco na atividade de produção do conhecimento;
- b) Conhecer o *locus* de produção do conhecimento do *campus* de Ondina –
 UFBA;

c) Discutir a teoria do risco sob a perspectiva da sua aplicação no ambiente de produção do conhecimento.

Portanto, para responder ao problema de pesquisa, o presente texto se guiará com as seguintes questões norteadoras:

- a) O órgão de gestão da segurança universitária conhece a teoria dos riscos?
- b) Atualmente a segurança do *campus* aplica a gestão de riscos na sua atividade diária?

Em relação às questões da presente pesquisa, desenvolveu-se a seguinte hipótese: a aplicação da teoria de gestão de risco pode proporcionar a redução dos riscos e as ameaças advindas da insegurança no *campus* de Ondina.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral do presente trabalho é analisar a segurança no *locus* da produção do conhecimento, no *campus* de Ondina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob o enfoque da gestão de riscos.

1.2.2 Objetivos específicos

Especificamente traz em si os objetivos específicos a seguir mencionados:

- a) introduzir o tema do risco na atividade de produção do conhecimento;
- b) conhecer o *locus* de produção do conhecimento do *campus* de Ondina –
 UFBA;
- c) discutir a teoria do risco sob a perspectiva da aplicação no ambiente de produção do conhecimento;
- d) propor a aplicação da análise de risco no ambiente de produção do conhecimento.

1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

O tema proposto busca inserir os conceitos e as abordagens do fenômeno do risco no ambiente das instituições de produção do conhecimento, notadamente as universidades e em especial, neste caso, na Universidade Federal da Bahia, especificamente o *campus* de Ondina.

Em que pese o tema risco ser estudado desde a Antiguidade, tendo suas raízes no sistema de numeração indo-arábico, que alcançou o Ocidente há cerca de setecentos anos, é no Renascimento que se torna mais sério o seu estudo, "[...] quando as pessoas se libertaram das restrições do passado e desafiaram abertamente as crenças consagradas." (BERNSTEIN, 1997, p. 3).

O risco ainda está muito associado a atividades financeiras e de sistemas de informação, contudo ele é intrinseco a toda e qualquer atividade humana, e para Beck "[...] é um tema mediador que demanda uma nova divisão de trabalho entre a ciência, a política e a economia." (BECK, 2015, p. 23).

1.4 METODOLOGIA

Para desenvolvimento da presente pesquisa, aplicou-se o método de abordagem hipotético-dedutivo (POPPER, 1972), na medida em que as hipóteses estabelecidas (questões norteadores) direcionaram o encaminhamento das demais técnicas de pesquisa. A importância da admissão do método hipotético-dedutivo conduziu à confimação de aplicação ou não do uso da análise de risco na gestão da segurança do *campus* de Ondina da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A natureza da pesquisa é aplicada, pois busca solucionar um problema de ordem prática, que é a (in)segurança da produção de conhecimento no *campus*. Quanto à forma, a pesquisa foi qualitativa (HAGUETE, 2005). Esse tipo de pesquisa busca identificar elementos constitutivos do problema, a partir do reconhecimento da fala dos atores sociais envolvidos na busca da solução do problema. As técnicas

aplicadas na pesquisa qualitativa (entrevista estruturada e semi-estruturada) ajudaram a compreender o fenômeno na sua qualidade.

Quanto ao objetivo, a pesquisa foi exploratória na medida em que não se tinha revelado o conjunto de evidências presentes na realidade da gestão da segurança no âmbito da Universidade, pincipalmente no tocante à aplicação da teoria do risco para planejamento das ações de gestão. Em um segundo momento, a pesquisa teve como objetivo uma descrição do âmbito das características do campus e das condições da realidade.

Quanto ao método de procedimentos, a pesquisa revelou-se como documental, na medida em que se recorreu ao histórico da documentação que poduziu o planejamento da segurança da universidade. Foi ainda observacional, uma vez que foram realizadas diversas visitas *in loco* para constatação das diversas versões e visões sobre a problemática, além de vivência no referido *campus*. Tratouse também de um minucioso levantamento das condicionantes que envolvem a segurança do espaço de produção do conhecimento. Aplicou-se ainda o método de procedimentos bibliográficos para explorar as diversas faces e evidências das referências que relatam problemas de natureza similares (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005; DEMO, 1995; BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2005).

2 O RISCO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COM RISCO

Toda atividade humana envolve risco. No caso da produção do conhecimento, o risco demanda da vulnerabilidade dos atores e das instituições, os quais estão ligados, bem como ao nível de exposição social a que estão associados. Destacamse, para fins de análise deste texto, dois riscos emergentes: aquele oriundo da produção do saber e o do *locus* onde este saber é produzido. A história, segundo Schäffer e outros (2012, p. 60) indicou que essa produção colocou em risco a vida de um dos maiores astrônomos da Idade Média.

Ter ideias diferentes das hegemônicas pode ser perigoso. O julgamento do astrônomo Galileu Galilei (1564-1642) ficou célebre. Mesmo tendo razão na polêmica sobre o movimento de rotação da Terra, teve que se retratar diante dos tribunais religiosos da Inquisição. Naquela época, a separação entre religião e ciência era quase nula na Europa. Atribui-se a Galileu a frase: "E, no entanto [a Terra] se move." (SCHÄFFER et al., 2012, p. 60).

Nota-se que a construção do conhecimento, segundo a citação de Schäffer, é algo que pode causar riscos aos seus produtores, confirmando a ideia inicial de que o risco é inerente às várias atividades humanas, inclusive da produção do conhecimento. Beck (2015, p. 15) afirma que a "ameaça e a insegurança sempre fizeram parte das condições da existência humana no passado".

Por outro lado, o espaço para produção de conhecimento também deve ser mitigado, pois é nele que se tem o risco potencializado na contemporaneidade. Através dos meios de comunicação é que se pode mensurar esse tipo de risco na atualidade. O Globo noticiou este tipo de evento: *Terroristas islâmicos matam 147 pessoas em universidade no Quênia* (2015).

A notícia nos remete ao ensinamento de Beck (2015) relativo à sua obra intitulada de *Sociedade de Risco*, de 1986, que:

[...] resume uma época da sociedade moderna que não só se livra das formas de vida tradicionais, como também questiona os efeitos secundários de uma modernização bem-sucedida: biografias inseguras e perigos inimagináveis que atingem todos e contra os

quais ninguém se pode proteger de forma adequada. (BECK, 2015, p. 22).

Nesse sentido, carece de uma ampliação da ideia de risco, que será tratada nos próximos capítulos.

2.2 O RISCO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.

Como já dito anteriormente, o risco está presente em toda e qualquer atividade de natureza humana, sendo-lhe inerente. Implica a possibilidade de não alcançar, fracassar ou perder o que se espera ou possui, até um limite. Tal possibilidade não é fortuita, o risco é uma construção social, produto das decisões que, ao longo da história, se adaptam dentro de um conjunto de alternativas e limitações para satisfazer necessidades e gerar bem-estar.

2.3 PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COM RISCO

Embora a literatura não trate com certa evidência da produção do conhecimento com risco, é importante tratar de forma prática, explícita, de tal tema. É importante destacar o quanto tem-se o risco nessa produção de conhecimento. Ressaltam-se alguns aspectos relevantes para se conhecer: 1) risco dos meios e locais para produzir o conhecimento; 2) risco que envolve o conhecimento produzido. O primeiro diz respeito ao conjunto de equipamentos e locais seguros para a construção de determinadas tecnologias. Já o segundo trata da finalidade do conhecimento.

Para se perceber o quanto o primeiro aspecto é relevante, será preciso tomar como exemplo uma situação prática ocorrida dentro do próprio *campus* em análise, segundo figura 1 adiante, em que há uma evidente demonstração de que existem condicionantes de insegurança na produção de conhecimento no ambiente da universidade.



Figura 1 – Incêndio no laboratório de Química – UFBA, 21/03/2009

Foto: Evandro Veiga. In: INCÊNDIO..., 2009.

Esse ambiente precisa ter um planejamento de risco para exercício das atividades de trabalho, uso e produção de conhecimento. Esse planejamento deve ser participativo, envolvendo os atores sociais dentro do processo. Além dessa premissa elementar, a vigilância dos aspectos que envolvem o risco deve ser mitigada para que haja redução de danos.

Esse mesmo exemplo já apresentava sintomas de precariedade, o que resultou no sinistro, conforme relatado na matéria da edição eletrônica do jornal Correio (INCÊNDIO..., 2009).

As condições de risco foram notificadas pelo agente produtor do conhecimento que tinha vivência das condicionantes que precisavam ser revistas para minimizar os efeitos causadores do impacto de maior dano, como relatou o Professor Dirceu em entrevista ao jornal Correio, edição eletrônica de 7 de abril de 2015, fazendo referência ao sinistro ocorrido em 2009.

Estava em Jauá, em um almoço na casa de outro professor do Instituto, quando recebi a notícia. Muitos professores estavam lá. Quando vi, tinha ligações no celular de casa, do vice-diretor e do vice-reitor. O fogo começou em um forno que atinge 1,500° C para sintetização. Ele não pode ser desligado de vez, tem que aquecer para polimerizar. Mas estava em cima de uma madeira e, de alguma forma, acabou queimando e se espalhando. O problema foi que, onde hoje existem paredes, eram divisórias de salas. Por isso,

queimou tudo. O fogo foi se alastrando. Os bombeiros chegaram 20 minutos depois que foram chamados, mas já era um incêndio. Pelo menos, foi no quinto andar e o fogo sobe. Se descesse, teria atingido o prédio inteiro. Foi uma fatalidade que causou um prejuízo imenso. (BORGES, 2015).

Conforme o professor Dirceu, o risco na operação de segurança do equipamento esteve centrado no posicionamento improvisado para apoio do equipamento que gerou o sinistro (ver Fig. 2). Isto revela a necessidade de planejamento das condições de segurança e planejamento do risco das operações de produção do conhecimento. As condições de risco não envolvem apenas aquelas que dizem respeito à segurança pública dos indivíduos dentro de *campus* universitário.

Figura 2 – Demonstração de equipamento que deu causa a incêndio no laboratório de Química da UFBA em 21/03/2009



Professor Dirceu mostra máquina que deu início ao incêndio de 2009 Foto: Marina Silva. In: Fonte: Borges (2015).

Por outro lado, a produção do conhecimento envolve um risco que transcende o ambiente da pesquisa. Isto é, o resultado da pesquisa pode ser compreendido como arriscado ou envolver riscos para terceiros.

Um cientista nuclear e professor universitário iraniano foi morto em Teerã na explosão de uma bomba instalada em seu carro, afirmou

nesta quarta-feira a TV estatal do Irã. As autoridades do país culparam Israel e os Estados Unidos pelo atentado.

O cientista foi identificado como Mostafa Ahmadi Roshan, que trabalhava na usina de enriquecimento de urânio de Natanz. De acordo com a mídia iraniana, os agressores se aproximaram do carro onde ele estava e acoplaram uma bomba à lataria usando um imã. (ATAQUE..., 2012).

Nesse caso, o produtor do conhecimento é que se envolve na condição de risco, como se constata no exemplo demonstrado na Figura 3 a seguir.



Figura 3 - Ataque a bomba mata cientista nuclear do Irã

Fonte: ATAQUE..., 2012.

Nas situações expostas, constata-se que a produção de saberes nem sempre está distante do risco, quer seja ele oriundo das condições da construção dos saberes, quer seja ele decorrente da notoriedade do tipo de conhecimento que está sendo construído. Deve-se, entretanto, fazer uma análise das instituições que sediam os produtores desses saberes e mapear os riscos decorrentes desse tipo de trabalho.

2.3 A INSTITUIÇÃO QUE PRODUZ CONHECIMENTO E SEUS RISCOS: A UFBA

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi criada pelo Decreto-Lei n.º 9.155, de 8 de abril de 1946, e reestruturada pelo Decreto n.º 62.241, de 8 de fevereiro de 1968, localizada na cidade do Salvador. Sua natureza jurídica é de autarquia, com

autonomia administrativa, patrimonial, financeira e didático-científica, nos termos da Constituição Federal e do seu Estatuto.

Antes mesmo da criação oficial, começou a funcionar por ato do Príncipe Regente D. João, em 1808, quando criou o Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, a mais antiga escola de estudos superiores do Brasil e que deu origem à atual Faculdade de Medicina da Bahia. Posteriormente, ainda no século XIX, foram criados e incorporados à Escola de Cirurgia os cursos de Farmácia, em 1832, e de Odontologia, em 1864. Em 1877 foi criada a Escola de Belas Artes, com o nome de Academia de Belas Artes da Bahia. Já em 1891 e 1897, foram criadas as da Faculdade de Direito e a Escola Politécnica da Bahia, respectivamente. Posteriormente, já no século XX, entre os anos de 1934 e 1941, foram criadas a Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Com o advento da Reforma Universitária, durante a vigência do regime militar, foi promovida uma grande reestruturação acadêmica e administrativa que culminou com a criação de diversos órgãos centrais de gestão, sendo implantados os novos Institutos de Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências da Saúde e Letras, além de várias Escolas e Faculdades.

A Universidade Federal da Bahia tem por missão produzir, socializar e aplicar o conhecimento construído nos diversos campos do saber, através do ensino, da pesquisa e da extensão, indissociavelmente articulados, de modo a contribuir para o desenvolvimento social, econômico e cultural, em especial no estado da Bahia, e promover a formação de cidadãos capazes de atuar na construção da equidade, da justiça social e da democracia e de profissionais qualificados para o mundo do trabalho (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2012).

No cumprimento de sua missão, a UFBA tem como objetivos institucionais, conforme definido no Artigo 2º do seu Estatuto:

I - educar para a responsabilidade social e ambiental, contribuindo para o desenvolvimento humano com ética, sustentabilidade e justiça;

II - gerar e propagar conhecimentos, saberes e práticas no campo das ciências, das artes, das culturas e das tecnologias;

- III propiciar formação, educação continuada e habilitação nas diferentes áreas de conhecimento e atuação, visando ao exercício de atividades profissionais e à participação no desenvolvimento da sociedade;
- IV exercitar a excelência acadêmica, mediante o desenvolvimento das ciências, das artes e das humanidades, fomentando o pensamento crítico-reflexivo nos diversos campos de saberes e práticas;
- V promover a extensão universitária, visando à difusão de avanços, conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e artística e da pesquisa científica e tecnológica geradas na Instituição;
- VI contribuir para o processo de desenvolvimento local, regional, nacional e global, realizando estudo sistemático de seus problemas e formando quadros científicos, artísticos e técnicos de acordo com suas necessidades;
- VII promover a equidade na sociedade, combatendo todas as formas de intolerância e discriminação decorrentes de diferenças sociais, raciais, étnicas, religiosas, de gênero e de orientação sexual;
- VIII fomentar a paz, a solidariedade e a aproximação entre nações, povos e culturas, mediante cooperação internacional e de intercâmbio científico, artístico e tecnológico, com especial foco nos países de língua oficial portuguesa e nos países latino-americanos;
- IX manter a universidade aberta à participação da população, promovendo amplo e diversificado intercâmbio com instituições, organizações e movimentos da sociedade;
- X implementar e cultivar princípios éticos na formulação e implementação de políticas, planos, programas e iniciativas que concretizem suas atividades-fim. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2012).

Atualmente existem diversos *campi* espalhados por vários bairros da cidade do Salvador, bem como os *campi* de Barreiras e de Vitória da Conquista, que juntos oferecem 112 cursos com 7.951 vagas (2012), além de 168 cursos de pósgraduação distribuídos em *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado e doutorado).

Para efeito desta dissertação, a referência a ser adotada será o *campus* de Ondina, o maior da UFBA, possuindo uma área de 1.200.000 m² e contando com 19 Unidades e/ou Órgãos, além de serviços como Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco Real e agência dos Correios, e por onde devem circular cerca de 40.000 pessoas diariamente (VELLOSO; MARTINS, 2013).

A Figura 4 adiante demonstra a amplidão do *campus* e expõe a diversidade de equipamentos urbanos que preenchem o espaço urbano destinado às diversas faculdades que fazem parte da universidade. Junto a esses equipamentos, tem-se ainda laboratórios, restaurantes, bibliotecas, entre outros espaços que carecem de cuidados em relação ao risco que eles representam.

ORLA

ONDINA

PEDERAÇÃO

Av. Adhemar de Barros (Rua Ondina)

LEGENOS

Av. Adhemar de Barros (Rua Ondina)

Av. Adhemar de Barros (Rua Ondin

Figura 4 - Planta do campus de Ondina

Fonte: https://dacivilufba.files.wordpress.com/2014/02/mapaufba.pdf.

2.3.1 Visão estratégica do campus de ondina

O campus de Ondina fica localizado no bairro de mesmo nome e com centroide de coordenadas geográficas 13°00'12.7"S, 38°30'36.3"W, fazendo fronteira com o bairro da Federação, central e populoso, que se caracteriza pela dualidade entre construções de alto padrão com localidades em condições sociais degradadas e de difícil acesso. Abriga ainda um cemitério, várias emissoras de televisão, além de inúmeros terreiros de candomblé. Ondina faz fronteira ainda com os bairros da Barra e do Rio Vermelho. O bairro de Ondina caracteriza-se por abrigar luxuosos hotéis, sendo classificado como área nobre na cidade do Salvador, estando ainda instalados aí o Parque Zoobotânico e o Palácio do Governo do Estado.



Figura 5 – Entrada principal do campus de Ondina

Fonte: autoria própria.

A vista panorâmica, conforme Figuras 6 e 7, permite visualizar uma extensa área verde, onde está inserido o *campus* de Ondina, que se caracteriza ainda pelas grandes distâncias entre as edificações dos diversos Institutos, Faculdades e Órgãos de serviços, com acessos pouco iluminados, inúmeros "caminhos" e mais de uma entrada, além da portaria principal (ver Fig. 5).



Figura 6 - Vista aérea da entrada do campus de Ondina

Fonte: Google Earth.

O que deveria ser um local aprazível e seguro para a frequência e circulação de pessoas, notadamente de estudantes e de professores, o *campus* de Ondina tem sofrido com a violência e a criminalidade. Entre as diversas modalidades delitivas, encontram-se os furtos, roubos, uso de drogas, assédio moral e racial, que contribuem para que a segurança seja foco de atenção para com as instâncias de governança tanto da UFBA como do poder público estadual, através dos seus órgãos de segurança.



Figura 7 – Vista aérea do campus de Ondina

Fonte: Google Earth.

Notícias publicadas na imprensa e dados estatísticos produzidos por órgãos oficiais sustentam que a violência no interior do *campus* de Ondina e em outros *campi* é uma realidade, incomodando e prejudicando o pleno funcionamento das instituições de produção do conhecimento.

Matéria do jornal A Tarde, publicada em 29 de março de 2014, intitulada *Após* morte de colega, alunos da UFBA cobram segurança, expõe de forma direta a problemática da violência e criminalidade no ambiente universitário:

Um grupo de cerca de 200 alunos da Universidade Federal da Bahia (UFBA) pararam o trânsito da avenida Ademar de Barros, em Ondina, na manhã deste sábado, 29, em protesto pela morte de Charles Müller Silva dos Santos, de 21 anos, aluno do curso de

Medicina Veterinária, e a falta de segurança nos campi e residências. (APÓS..., 2014).

A evidência da problemática da violência fica patente quando um representante do poder público confirma a exposição do local ao mesmo periódico:

O [sic] violência e insegurança na região foi confirmada pelo tenente da Polícia Militar Sérgio Stering, da 41ª Companhia Independente da Polícia Militar (CIPM/Federação), que lembrou a proximidade do bairro com localidades onde o tráfico de drogas é intenso, a exemplo de Engenho Velho da Federação e Baixa da Égua. (APÓS..., 2014).

Ainda sobre a violência e a criminalidade no campus, o jornal Correio da Bahia traz, em sua edição eletrônica do dia 27 de maio de 2015, a seguinte manchete: Sensação de insegurança é recorrente no campus, relatam alunos da UFBA.

Após o assalto na manhã desta terça-feira (27), estudantes e funcionários da Universidade Federal da Bahia (UFBA) relataram que a prática tem se tornado comum nas dependências da instituição. "Ninguém se sente seguro dentro do *campus*. Em dezembro do ano passado, eu estava dentro da sala de uma professora quando entrou um rapaz e, simplesmente, levou o meu computador enquanto eu fui ao banheiro", reclamou uma estudante do 9º semestre do curso de Nutrição, que não quis ser identificada.

Alexandre Bispo dos Santos, 62 anos, trabalha há 34 vendendo lanches no Instituto de Biologia. Ele relata que, ao longo do ano passado, pelo menos cinco estudantes foram assaltados ou furtados nas dependências do instituto. "A última foi uma estudante que teve o computador roubado por um homem que se passou de cliente do restaurante e tomou a bolsa dela", contou. (COSTA, 2015).

As evidências se ampliam quando, por iniciativa própria dos alunos, passam a chamar a atenção para o problema da violência nos *campi* inserindo placas de "advertência" de forma irônica.

As Figuras 8 e 9 adiante mostram uma paisagem urbana destituída de vizinhança possibilitando o sentido da vigilância contínua dos espaços urbanos. Para Newman (1996), esse tipo de construção não favorece a geometria típica de "espaços defensivos". Já nesses tipos de desenhos urbanos, as construções servem para proverem a segurança e reduzirem os riscos de atividade criminosa para seus usuários.



Figura 8 - Placa de advertência colocada por alunos 1

Foto: Alan Tiago. In: Alves e Gonçalves (2014).



Figura 9 – Placa de advertência colocada por alunos 2

Foto: Alan Tiago. In: Alves e Gonçalves (2014).

A forma insegura de construção dos espaços destinados para a produção de conhecimento tem os tornado vulneráveis diante dessa nova realidade urbana brasileira e baiana, segundo se constata através de noticiários recorrentes de mídia digital e televisiva. Na matéria do *site* G1 da Globo, por exemplo, o tema é apresentado:

Alunos da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA) encontraram uma forma criativa de protestar contra a falta de segurança nas imediações da instituição de ensino, localizada no bairro da Graça, em Salvador. Devido aos constantes assaltos, os estudantes espalharam placas ironizando a violência pelas ruas da Paz e Conde Filho.

A estudante Karol Freitas, do oitavo semestre, conta que a colocação das placas foi uma iniciativa de três alunos. "É uma forma de chamar a atenção, porque aqui tem assalto praticamente todo dia, e na porta da faculdade", afirma.

Segundo a aluna, os assaltos ocorrem tanto durante o dia quanto à noite. "Não tem horário específico pra acontecer. E eles assaltam tanto quem anda a pé ou de carro. A polícia passa por aqui, mas como a viatura não pode ficar parada na faculdade, os assaltantes aproveitam. Muitas vezes a polícia acaba de passar e tem assalto", conta. (ALVES; GONÇALVES, 2014).

O fenômeno da violência e da criminalidade no *campus* de Ondina pode ser evidenciado também sob a ótica das estatísticas que, produzidas por órgãos do sistema de segurança pública, ilustram o que de fato já é denunciado pelos órgãos de imprensa através dos alunos da Universidade.

A seguir (Gráfico 1), apresentam-se dados estatísticos produzidos pela Secretaria da Segurança Pública relativos às ocorrências criminais entre os anos de 2012 e 2014.

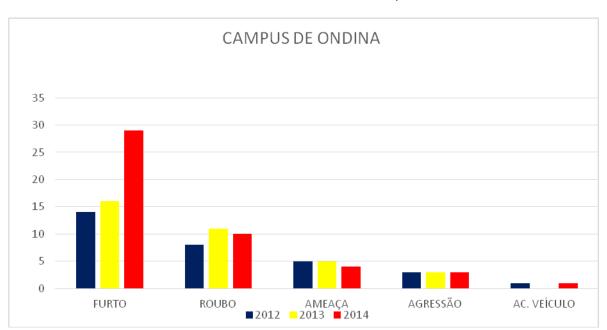


Gráfico 1 - Estatística de crimes no campus de Ondina

Fonte: SSP/BA.

As condutas e atos violentos ocorrem em grande número de instituições, inclusive nas universidades, produzindo danos materiais, absenteísmo e pessoas lesionadas, feridas ou até mesmo mortas. A violência não é um fenômeno aleatório. Estudos mostram que tende a se concentrar em certos lugares, momentos e certa população (PINO, 2006; O'BRIEN; YAR, 2008). Os fatores culturais são comumente assinalados como fatores determinantes de qualquer tipo de violência (NICOL; McNULTY; PULHAM, 2011).

Da observação do Gráfico 1, depreende-se que a maior ameaça no *campus* de Ondina é o furto, que inclusive aumentou ao longo dos anos. Dos crimes contra o patrimônio, o furto é uma figura de modalidade de crime prevista no artigo 155 do Código Penal Brasileiro que consiste na subtração de coisa alheia móvel para si ou para outrem, com o fim de obter a posse definitiva. Difere do roubo por ser praticado sem o emprego de violência contra a pessoa ou grave ameaça. O furto normalmente é motivado pelo valor monetário ou pela utilidade que está agregada ao objeto.

Seguindo o furto, vem a modalidade do roubo, que consiste no apoderamento de bens alheios, empregando para isso a força para as coisas (bens móveis ou imóveis) e a violência ou intimidação para as pessoas. O roubo, assim como o furto, é um problema que afeta toda a sociedade, podendo ocorrer em qualquer lugar, e se dá por uma série de causas e fatores que influem nas pessoas e as leva a cometer tal ato, sem medir as consequências.

Já o crime de ameaça consiste na exteriorização do propósito de causar um mal a uma pessoa, através de ataques ao sossego e a tranquilidade pessoal. Esse delito pode se estender para outro mais grave, a depender da oportunidade e das circunstâncias.

O campus de Ondina na condição de espaço público vive as mesmas situações de criminalidade e violência que os demais pontos da cidade. Caracterizase com um microambiente da população que o rodeia, absorvendo algumas características indesejadas para o ambiente de produção do conhecimento.

2.3.2 Caracterização do ambiente interno do campus de ondina

Para ampliar a visão do *campus* de Ondina, é necessário que seja conhecido o seu ambiente interno, suas áreas comuns, sendo, então, possível ter uma noção da sua dimensão e dos fatores que contribuem para que riscos estejam presentes:

a) Agências bancárias

A presença de agências bancárias no interior do *campus* de Ondina, submete ao risco de uma tentativa de roubo a estabelecimento bancários que normalmente é realizado de forma bastante violenta. O *campus* de Ondina possui três agências bancárias e um posto dos Correios que serve como banco postal.



Figura 10 - Agências bancárias no interior do campus de Ondina





Fonte: autoria própria.

A avaliação dos riscos se mede em função da frequência da exposição ao risco, as consequências, caso o risco se concretize, e a probabilidade da sua ocorrência.

No caso da existência de várias agências bancárias no interior do *campus* de Ondina (na agência exposta na Figura 10), o risco tende a aumentar, uma vez que investidas contra esse tipo de instituição já tem precedentes. Matéria publicada no *site* da própria UFBA, intitulada *Juntamente com Polícias, UFBA apura assalto no campus de Ondina*, publicada em 20 de fevereiro de 2013, diz:

Em relação à ação praticada por bandidos na manhã de hoje (20/02), na área do PAF I, no *campus* de Ondina, a Universidade Federal da Bahia informa que foram acionadas as Polícias Federal, Militar e Civil para reunir dados e apurar informações sobre o assalto, realizado por três homens armados, a um caixa eletrônico do Banco do Brasil, situado no PAF I.

De acordo com o assessor da Pró-reitora de Administração, professor Lafaiete Cardoso, as imagens analisadas pela equipe que investiga o caso, mostram que os homens armados renderam seguranças da empresa transportadora de malotes do Banco do Brasil, no momento em que traziam os volumes do carro-forte para abastecer o equipamento.

Após render um vigilante da UFBA e tomar sua arma, os assaltantes fugiram em três motos, pelo portão do Instituto de Geociências que dá acesso à Avenida Caetano Moura - Federação. A Universidade não tem informações sobre o montante de dinheiro que foi levado, pois os valores pertencem ao Banco do Brasil. (JUNTAMENTE..., 2013).

Segundo o *site* do Sindicato dos Bancários, somente neste ano de 2016 já ocorreram 52 ações contra bancos no estado da Bahia.¹

b) Caminhos desertos

Ao longo de toda a extensão do *campus* de Ondina existem acessos bastante desertos e pouco iluminados, conforme se demonstra na Figura 11. Grandes distâncias entre as Unidades também é uma realidade. A necessidade de percorrêlas a pé aumenta os riscos de uma abordagem ou até mesmo de um ato delituoso.

¹ Dados extraídos de: http://www.bancariosbahia.org.br/ocorrencias.html.



Figura 11 - Caminhos do campus de Ondina





Fonte: autoria própria.

Matéria do jornal Correio da Bahia, em sua edição eletrônica de 22 de fevereiro de 2013, aponta para os riscos a que estão submetidos os alunos dentro do *campus*:

Aluna de História, Mariana Batista, 21, aponta as escadas como as áreas de maior risco. "Me sinto insegura na subida da Faculdade de Educação (no Canela)", diz ela, citando também, as escadas da Politécnica (Federação), de São Lázaro e na área da Faculdade de Geofísica (Federação).

Com vegetação alta, a área posterior à Faculdade de Dança é outro exemplo de local evitado por alunas, principalmente à noite. Parte da fama ruim do local ainda existe por conta de um estupro ocorrido ali, em agosto de 2008. (CALIMAN, 2013).

c) Áreas de mata

Uma das características do *campus* de Ondina é a sua grande extensão e a existência de uma densa área de mata atlântica (conforme Figura 12). Por serem distantes umas das outras, as áreas de mata se colocam entre as diversas Unidades, o que aumenta o risco.



Figura 12 – Grandes extensões de mata

Fonte: autoria própria.

Por outro lado, foi observado que as áreas perimetrais do *campus* não possuem nenhum tipo de proteção que impeça o acesso de pessoas. Várias são as saídas e entradas "não oficiais" que facilitam o acesso e a fuga de pessoas.

d) Apologia ao consumo e/ou tráfico de drogas

Segundo pesquisa apresentada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça, através de trabalho denominado *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras*:

Os dados apresentados apontam para uma realidade surpreendente: quase 49% dos universitários pesquisados já experimentaram alguma droga ilícita pelo menos uma vez na vida e 80% dos

entrevistados, que se declararam menores de 18 anos, afirmaram já ter consumido algum tipo de bebida alcoólica. O consumo de álcool, tabaco e outras drogas entre os universitários é mais frequente que na população em geral, o que reforça a necessidade de um maior conhecimento desse fenômeno para o desenvolvimento de ações de prevenção e elaboração de políticas específicas dirigidas para esse segmento. (BRASIL, 2010, p. 11).

Não obstante essa conclusão, o uso estimula o tráfico de drogas. Assim, um campus universitário torna-se um ambiente propício para o aumento da violência que esta atividade ilícita promove (ver Fig. 13).



Figura 13 – Demarcação de espaços livres para uso de substâncias psicoativas

Fonte: autoria própria.

e) Escadaria da Escola Politécnica

A escadaria que liga o *campus* de Ondina à Escola Politécnica, na Federação, é um dos pontos vulneráveis que contribuem para aumentar o risco para a circulação de estudantes, professores e funcionários.



Figura 14 – Escadaria da Escola Politécnica

Fonte: autoria própria.

Corroborando com a situação de vulnerabilidade do *campus* de Ondina, no jornal A Tarde, em sua edição eletrônica do dia 15 de março de 2016, em matéria intitulada *Seguranças da UFBA são amarrados, trancados e roubados*, foi possível colher:

Alguns estudantes reclamaram da facilidade que as pessoas têm de transitar pela universidade, inclusive quem não é aluno ou

funcionário da instituição. Segundo Rosineia Melo, que faz mestrado em engenharia civil, quem entra não se identifica.

"A única vez que pediram identificação foi por causa das vagas no estacionamento, que estava ficando lotado", ressaltou Carla Dandara Melo, 19, estudante de bacharelado interdisciplinar.

A aluna de engenharia elétrica Maíra Prata, de 20 anos, acredita que a instituição deveria investir mais em segurança. "A escada que dá acesso a Ondina não tem iluminação e é cheia de mato. Vários dos meus colegas já foram assaltados mais de uma vez", alega.

Diante de tantos riscos, a UFBA resolveu proteger até mesmo os terraços dos seus prédios. Na foto a seguir (Fig. 15), pode ser visto, no prédio onde funciona o Instituto de Geociências, uma proteção estilo concertina para evitar o acesso e o furto de materiais.



Figura 15 - Proteção contra furto e/ou roubo

Fonte: autoria própria.

Essa foto (Fig. 15) pode ser tomada como símbolo da vulnerabilidade a que está submetido o *campus* de Ondina. Trata-se do Instituto de Geociências, que recentemente teve subtraído de suas instalações grande quantidade de fios de cobre.

f) Espaços degradados

O estado de manutenção e conservação dos prédios no interior do *campus* de Ondina são satisfatórios, ainda que alguns locais apresentem acúmulo de materiais

que contribuem para degradar os espaços (ver Fig. 16), sem contudo criarem situações de risco elevado. A degradação de espaços, se não tratada, contribui para o aumento dos riscos.



Figura 16 – Espaços degradados

Fonte: autoria própria.

3 A TEORIA DO RISCO APLICADA AO *LOCUS* DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Quando falamos de risco, devemos abordá-lo a partir de uma tríplice dimensão: a análise do risco, a avaliação do risco e, de maneira principal, a gestão do risco. Assim, a análise do risco se configura como sendo o uso sistemático da informação disponível para identificar os perigos e estimar o risco para as pessoas, os bens e o meio em que se vive. A segurança sempre é uma opção de risco. A avaliação do risco se dá pela revisão da aceitabilidade do risco que se analisou e avaliou baseando-se na comparação com as normas ou critérios que definem a sua tolerabilidade. Por fim, gestão do risco é a aplicação da avaliação com a intenção de informar para a tomada de decisões com as medidas de redução do risco adequadas e sua possível implementação.

O tema essencial do presente capítulo é estabelecer as bases para um modelo de gestão proativa de segurança nas universidades, notadamente no campus de Ondina da UFBA, baseada no estudo do risco.

Obviamente que não se pode reduzir todos os riscos, nem estabelecer sua determinação e quantificação exatas, mas pode-se limitá-los e reduzi-los a limites razoáveis.

3.1 A TEORIA DO RISCO E SUAS APLICAÇÕES

Para se compreender o conceito de risco, este texto traz à luz a ideia de Rebelo (2014, p. 10):

Quando se fala em risco, fala-se em algo de danoso para o homem ou para as suas realizações que pode acontecer – associam-se então termos como possibilidade ou probabilidade. Quando se fala em perigo, fala-se de um risco devidamente identificado, estudado, analisado, que pode estar muito perto de se manifestar, causando danos – e isso deduzir-se-á do fato de já existirem sinais.

Há nítida diferença entre risco e perigo, sendo necessário fazer tal distinção, pois um risco conduz a um perigo vinculado. O risco é decorrente da atividade, mas o perigo é manifestação real do risco não tratado.

Indo mais além, Almeida (2014, p. 21) ensina que:

O risco é um conceito abrangente, motivador e ambíguo, com diferentes dimensões e uma potencialidade especial para:

- caracterizar ocorrências incertas associadas a desvios relativamente a situações de referência;
- justificar opções e ações, como variável de decisão face a potenciais ameaças;
- incentivar a proteção de pessoas e bens e melhorar, assim, a "qualidade de vida";
- Constituir uma representação simbólica do "mundo contemporâneo".

Essas assertivas induzem a buscar outras definições que traduzam melhor o conceito de risco de forma a torná-lo mais claro e objetivo. Assim, Bernstein (1997, p. 8) ensina que: "A palavra risco deriva do italiano antigo risicare, por sua vez derivado do baixo-latim risicu – riscu, que significa 'ousar'. Neste sentido, o risco é uma opção, e não um destino".

Em muitas definições, o risco é ainda associado indistintamente à condição de incerteza. Embora a existência do risco se dê em função de ocorrências futuras, e o futuro seja incerto, os conceitos de risco e incerteza se diferem. O risco é normalmente definido em termos da possibilidade de perigo, perdas, danos ou outras consequências negativas. Segundo Knight (1921 apud ALMEIDA, 2014, p. 21), o risco é calculável, enquanto que a incerteza está sujeita somente a estimativas subjetivas.

A percepção de áreas de risco tem uma relação íntima com a teoria de risco na medida em que os espaços proporcionam a tomada de decisão pela prática de crimes. Segundo Kennedy, Caplan, e Piza (2012), tais espaços formam o "environmental backcloth" e referem-se a elementos que cercam e fazem parte do meio e de um indivíduo e que podem ser influenciados ou influenciar o comportamento criminoso, aumentando o risco de convivência em tais espaços.

O risco é inerente a todas as atividades humanas na percepção de Beck (2015). Ele ressalta que os riscos na sociedade moderna são criados por nosso próprio desenvolvimento social e pelo desenvolvimento da ciência e tecnologia. Às vezes, não conseguimos determinar o risco envolvido em um aspecto particular da tecnologia. Por exemplo, ninguém sabe quais os riscos que estão envolvidos na produção de alimentos geneticamente modificados. A sociedade industrial criou muitos novos perigos de riscos desconhecidos em eras anteriores. Os riscos associados ao aquecimento global são um exemplo. Na presente era da industrialização, a natureza do risco sofreu uma mudança tremenda. Anteriormente, não havia ausência de risco. Mas esses riscos eram perigos naturais ou riscos. Houve terremoto, houve epidemia, havia fome e houve inundações. A modernidade, que é encontrada no mundo atual, é chamado de "nova modernidade" por Beck. Isso dá à luz a uma sociedade de risco.

Risco em si, Beck (2015) argumenta, tornou-se cada vez mais central para a nossa sociedade global. De fato, em um mundo que pode, literalmente, destruir a si mesmo, gestão de risco e de risco de monitoramento cada vez mais influenciam ambas as constituições e cálculos de ação social. Ele, assim como a maioria da sociedade, utiliza o termo "risco" como sinônimo de perigo, um perigo que é causado pela necessidade de "controlar" certos aspectos da sociedade, em ajuda de aumentar a segurança social. No entanto, Beck (2015) tinha afirmado anteriormente que "segurança máxima" é inatingível para os seres humanos. Este 'novo risco', de acordo com Beck (2015), difere da experiência de "risco" pela sociedade prémoderna; em vez de "risco" que está sendo gerado por desastres naturais, que eram vistos como uma "atuação do destino", ele derivou através da evolução da tecnologia, e de escolha individual. Este último é visto como crucial para o debate de Beck, uma vez que é a intervenção social, sob a forma de tomada de decisão, que transforma riscos incalculáveis em riscos calculáveis. Nesse sentido, lidar com os riscos é fazer uma gestão política deles. A gestão universitária deverá lidar com os discursos políticos para lidar com a gestão do risco.

Análise de Risco é um processo que ajuda a identificar e gerir os potenciais problemas que poderiam minar iniciativas importantes para os negócios ou projetos. Inclui-se nos negócios as organizações públicas e privadas. Para realizar e compreender a análise de riscos, deve-se primeiro identificar as possíveis ameaças

que se enfrenta; em seguida, passa-se a estimar a probabilidade de que essas ameaças se concretizem. A análise de risco pode ser complexo, como será preciso recorrer a informações detalhadas, como planos de projeto, dados financeiros, protocolos de segurança, previsões de *marketing* e outras informações relevantes. No entanto, é uma ferramenta de planejamento essencial, e que poderia poupar tempo, dinheiro e reputações.

3.2 A VISÃO DA TEORIA DO RISCO SOB A PERSPECTIVA DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

A análise de risco é útil em muitas situações, tais como: quando se deseja a realização de planejando de projetos, como ajuda para antecipar e neutralizar possíveis problemas; quando se deseja melhorar a segurança e gestão de riscos potenciais no local de trabalho; quando se deseja preparar para eventos como equipamento ou tecnologia falha, o roubo, a equipe, doença ou desastres naturais e quando se está planejando para mudanças em ambientes, como novos concorrentes entrando no mercado, ou mudanças na política do governo.

O emprego da análise de risco dentro de uma universidade é bastante diversificado. Identifica-se cinco grandes eixos de aplicação, são eles: saúde ambiental, segurança geral, material perigoso, segurança de laboratório e segurança no trabalho. Dentro dessas perspectivas, é necessário compreender as diversas particularidades em cada um dos eixos para ressaltar a importância da análise de risco dentro de uma universidade.

A saúde ambiental diz respeito à certificação de materiais que são utilizados para fins de construção da própria universidade. Assim, deve-se traçar a política dentro da universidade para cumprir com as leis federais, estaduais e locais aplicáveis e os regulamentos em matéria de cumprimento de normas para construção de edifícios universitários, bem como de uso de materiais que possam ser utilizados na obra (por exemplo, o uso de amianto). Essa política deve estabelecer as diretrizes gerais para professores, funcionários, alunos e contratantes, em conformidade com os regulamentos emitidos pela Segurança e Administração de Saúde Ocupacional, a Agência de Proteção Ambiental e os governos locais.

Outro fator importante para aplicação de análise de risco é a construção da política da universidade para reconhecer, avaliar e controlar o risco de exposição das condições de precariedade nos edifícios universitários. Os membros da comunidade universitária devem observar ou suspeitar da presença de agentes que promovam a intoxicação e outros agentes presentes em edifícios universitários. A comunidade universitária deve contatar imediatamente o pessoal de gestão de risco e da segurança pública.

A universidade deverá se empenhar em proteger e melhorar o meio ambiente através da reciclagem de materiais comumente utilizados, tais como papel misturado, papelão, plástico, recipientes de vidro e latas de alumínio, estanho, aço, sucatas metálicas e materiais perigosos (como baterias, equipamentos eletrônicos, lâmpadas contendo mercúrio, óleo de cozinha e outros insumos que produzem risco quando manipulados). Todos os membros da universidade devem cumprir com os requisitos de reciclagem nesta política. A política de armazenagem e reciclagem deve fazer parte do repertório do controle de ambiental, promovendo a gestão de risco potencial.

É importante ressaltar que a construção de política para controle e erradicação do uso de fumo e outras substâncias exógenas. Tal política tem a finalidade de promover a redução de riscos, envolvendo o uso e comercialização de qualquer substância que modifique o estado psíquico dos estudantes e profissionais da universidade. O planejamento desta política deve ser conduzido com responsabilização e envolvimento de todos. É uma política que a universidade deve promover para fins de manutenção de um ambiente livre de fumo em outros meios capazes de proliferar o uso de substâncias psicoativas que podem oferecer risco à produção do conhecimento e favorecer a aproximação de agentes que as comercializam. Essa medida é importante para que os participantes da universidade possam ocupar os espaços livres e não conviverem com o risco do uso de substâncias psicoativas e os riscos para os que não estão envolvidos com tais práticas.

Um risco permanente que merece uma atenção especial é a prevenção e proteção contra incêndio. Todos os membros da comunidade universitária são responsáveis pelo auxílio na prevenção e no tratamento adequado dos riscos de incêndios. Cada membro deve estar familiarizado com o plano de prevenção de

incêndios da universidade. O plano de prevenção de incêndios deve descrever as ações da universidade para promover a segurança contra incêndio e reduzir o risco de incidentes e acidentes envolvendo fogo.

É parte da segurança geral de uma universidade a proteção e manutenção de um ambiente de trabalho saudável e seguro para toda a comunidade universitária. O programa de segurança geral deve ser desenvolvido para encorajar os funcionários a relatar condições inseguras ao seu supervisor, bem como informar o trabalhador sobre os seus direitos no local de trabalho e responsabilidades sob a segurança e saúde ocupacional.

Embora não faça parte do quotidiano de todos os membros da universidade, é importante a construção de planejamento para prevenção de riscos sobre manipulação de produtos químicos perigosos. Tal programa deve ter como pressuposto a comunicação de perigo e outras formas de aviso, que torne pública a informação e formação dos agentes que se envolvem com uso de materiais perigosos. Os funcionários que geram, manuseiam, armazenam, transportam ou eliminam resíduos perigosos são responsáveis por seguir as diretrizes e procedimentos estabelecidos pelo programa de gestão de resíduos perigosos da universidade.

Há um risco que perpassa setores específicos da universidade e que requerem os mais elevados padrões de cuidado humano. Destacam-se os lugares onde se faz uso de animais de laboratório, os quais devem estar em conformidade com as leis, regulamentos, diretrizes, normas de acreditação, políticas e procedimentos das agências reguladoras. Assim, os departamentos que operam laboratórios que contêm animais e produtos químicos potencialmente perigosos são obrigados a nomear uma comissão de representantes para implementar as orientações fornecidas no plano de higiene química da universidade. As atividades dessa comissão devem adotar medidas que incluam a adoção de precauções e orientações para a utilização segura das substâncias químicas e a supervisão e instrução para o pessoal em procedimentos laboratoriais adequados e departamentais gerais. As pessoas que usam laboratórios são responsáveis por conhecer o plano de higiene química e assistir a treinamento anual de segurança de pessoal de laboratório.

Incluem-se no contexto de redução e prevenção de riscos, realizar o planejamento de uso de materiais radioativos. O plano deve envolver a regulação quando da recepção, armazenamento, manipulação, transferência ou eliminação de qualquer material radioativo. Qualquer atividade que contenha material radioativo deverá cumprir com os regulamentos das políticas internacionais e nacionais de manipulação de materiais que envolva radiação de segurança da universidade, devendo ser de conhecimento de toda comunidade acadêmica.

A segurança no trabalho deve fazer parte do plano de risco da universidade. Deve-se buscar uma política que proporcione um ambiente de trabalho seguro e saudável. O objetivo de evitar riscos potenciais é para melhorar o conforto e bemestar dos colaboradores, identificando e corrigindo os fatores de risco ergonômicos no local de trabalho. A instituição de um programa de ergonomia da universidade deverá servir para identificar e prevenir lesões musculoesqueléticas relacionadas com o trabalho por meio de engenharia, equipamentos, práticas de trabalho adequadas e controles administrativos de forma eficaz.

4 ANÁLISE PROPOSITIVA PARA MINIMIZAÇÃO DE RISCOS NO AMBIENTE DE CONHECIMENTO

O tema acerca da segurança universitária está na agenda da segurança pública no âmbito local e nacional, porém não há estudos nem investigações que indiquem com clareza quais são as características do fenômeno de insegurança nesse ambiente, a saber: que tipo de incidentes ocorrem? Com quem e onde ocorrem esses incidentes e com que frequência? Quais são os fatores de riscos internos e externos a que está exposta a comunidade universitária: estudantes, professores, servidores?

Uma das condições necessárias para o cumprimento dos fins da universidade é a garantia que deve ter quem ali transita, a fim de realizar suas atividades sem riscos para sua integridade física, bem como para os seus bens pessoais e os da própria universidade.

No presente capítulo, buscando-se contribuir para o aprimoramento das relações cotidianas estabelecidas entre a comunidade universitária e as influências do crime e da violência, será apresentado um panorama de como deve a instituição de produção do conhecimento tratar as questões relacionadas à violência e ao crime sob a ótica do risco.

Há de se pensar em segurança no *locus* acadêmico com um sentido de prevenção e redução de riscos.

4.1 PLANEJAMENTO DA ANÁLISE DO RISCO

O planejamento da análise de risco deve ser direcionado para criar e garantir um ambiente de tranquilidade, paz e harmonia entre a comunidade universitária mediante ações de prevenção que conduzam para a proteção da integridade física, dos direitos e bens patrimoniais contra atos delitivos, valendo-se da coordenação e participação de toda a comunidade e sua vinculação com os demais níveis de governo dedicados à segurança e ao combate do crime e da violência. Tudo com estrito respeito aos direitos humanos, universitários, com legalidade e eficiência.

Para Bernstein (1997):

A ideia revolucionária que define a fronteira entre os tempos modernos e o passado é o domínio do risco: a noção de que o futuro é mais do que um capricho dos deuses e de que homens e mulheres não são passivos ante a natureza. (BERNSTEIN, 1997, p. 1).

A análise do risco busca estabelecer a probabilidade de sua ocorrência e o impacto de suas consequências, classificando-o e avaliando-o com o fim de obter informações para estabelecer o seu nível e as ações que devem ser implementadas.

A identificação e avaliação dos riscos existentes, tanto os reais como os potenciais, fazem parte da fotografia que foi tirada quando da elaboração do diagnóstico.

A partir desta fotografia, que se caracteriza pelo estudo dos ambientes internos e externos no qual se ressaltam os pontos fortes e fracos, são projetados quais são os riscos que a instituição possui, tendo em vista a sua situação ante as suas necessidades de segurança.

A Figura 17 a seguir imprime uma melhor compreensão do processo de gestão do risco:



Figura 17 - Gestão do Risco

Fonte: Adaptado de Associação Brasileira de Normas Técnicas (2009).

Da Figura 17 depreende-se que a gestão de riscos é um processo contínuo e cíclico e que a compreensão dos riscos e suas origens é imperiosa para a eficácia da segurança e consequentemente para a sua administração e o seu controle, em que, segundo a ISO 3100 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2009):

- a) Identificação: processo de busca, reconhecimento e descrição de riscos;
- b) Análise: processo de compreender a natureza do risco e determinar o nível de risco:
- c) Avaliação: processo de comparar os resultados da análise de riscos com os critérios de risco para determinar se o risco e/ou sua magnitude é aceitável ou tolerável:
 - d) Tratamento: processo de modificar o risco;
- e) Monitoramento: verificação, supervisão, observação crítica ou identificação da situação, executadas de forma contínua, a fim de identificar mudanças no nível de desempenho requerido ou esperado;
 - f) Controle: medida que está modificando o risco.

Ainda segundo a ISO 3100, quando implementada e mantida de acordo com esta, a gestão dos riscos possibilita a uma organização, por exemplo:

- aumentar a probabilidade de atingir os objetivos;
- encorajar uma gestão proativa;
- estar atento para a necessidade de identificar e tratar os riscos através de toda a organização;
- melhorar a identificação de oportunidades e ameaças;
- melhorar o reporte das informações financeiras;
- melhorar a governança;
- melhorar a confiança das partes interessadas;
- estabelecer uma base confiável para a tomada de decisão e o planejamento;
- melhorar os controles:
- alocar e utilizar eficazmente os recursos para o tratamento de riscos:
- melhorar a eficácia e a eficiência operacional;

- melhorar o desempenho em saúde e segurança, bem como a proteção do meio ambiente;
- melhorar a prevenção de perdas e a gestão de incidentes;
- minimizar perdas;
- melhorar a aprendizagem organizacional; e
- aumentar a resiliência da organização. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2009, p. 5-6).

Assim, temos que um modelo de gestão de riscos consiste em construir a informação mínima que permita calcular o risco que se vai assumir e prever as consequências (sociais, econômicas, financeira, etc.) que permitam a superveniência em condições adequadas, apesar da ocorrência dos impactos previstos como prováveis em períodos de tempo também previamente estabelecidos.

Contudo, a gestão de riscos não é somente a redução deste mas a compreensão de que em termos sociais requer a participação dos diversos atores, protagonistas dos mais variados setores, que devem compreender como se constrói um risco social, coletivo, com a concorrência de diversas regiões, sociedade, comunidade ou uma localidade específica. A gestão dos riscos não deve ser encarada simplesmente como a possibilidade de baixar a vulnerabilidade, mas de buscar estabelecer acordos sociais para suportar ou utilizar os impactos produtivamente, sem eliminar a obtenção imediata de benefícios.

A Norma ISO 3100 tem como um dos princípios que:

A gestão de riscos contribui para a realização demonstrável dos objetivos e para a melhoria do desempenho referente, por exemplo, à segurança e saúde das pessoas, à segurança, à conformidade legal e regulatória, à aceitação pública, à proteção do meio ambiente, à qualidade do produto, ao gerenciamento de projetos, à eficiência nas operações, à governança e à reputação. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2009, p. 7).

Segundo o Committee of Sponsoring Organizations of the Treadway Commission (COSO), tem-se que:

O gerenciamento de riscos corporativos não é estático; mais precisamente é uma ação contínua e interativa que permeia toda

uma organização. Essas ações são difusas e inerentes à forma que a administração gerencia. (COSO, 2007, p. 18).

Assim, depreende-se que gestão de risco significa um processo consistente de identificar eventuais acontecimentos, cuja materialização afetará a realização dos objetivos e implementação de medidas para reduzir a probabilidade ou o impacto desses eventos. Um fator fundamental para a gestão de riscos é a eficácia dos controles institucionais internos.

Contudo, há de ter uma responsabilização para que o processo de gerenciamento de riscos seja eficaz e eficiente, definindo competências, autoridades e responsáveis por todo o processo, que deve estar intimamente ligado ao escalão superior de governança, no caso da UFBA, a Reitoria.

A Norma ISO 31000 ensina que esse processo pode ser facilitado por:

- identificar os proprietários dos riscos que têm a responsabilidade e a autoridade para gerenciar riscos;
- identificar os responsáveis pelo desenvolvimento, implementação e manutenção da estrutura para gerenciar riscos;
- identificar outras responsabilidades das pessoas, em todos os níveis da organização no processo de gestão de riscos;
- estabelecer medição de desempenho e processos de reporte internos ou externos e relação com os devidos escalões; e
- assegurar níveis apropriados de reconhecimento. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2009, p. 11).

Corroborando com a Norma acima, o COSO (2007, p. 8) adverte que:

Cada um dos empregados de uma organização tem uma parcela de responsabilidade no gerenciamento de riscos corporativos. O presidente-executivo é o principal responsável e deve assumir a responsabilidade da iniciativa. Cabe aos outros diretores executivos apoiar a filosofia de administração de riscos da organização, incentivar a observação de seu apetite a risco e administrar os riscos dentro de suas esferas de responsabilidade, conforme as tolerâncias a risco. Via de regra, cabe ao diretor de riscos, diretor-financeiro, auditor interno e outros, responsabilidades fundamentais de suporte. Os outros membros da organização são responsáveis pela execução do gerenciamento de riscos em cumprimento das diretrizes e dos protocolos estabelecidos.

Buscando ainda chegar a um perfeito entendimento do processo de gestão de riscos, a ISO 31000 apresenta um esquema gráfico (Fig. 18) que permite visualizar as suas etapas:

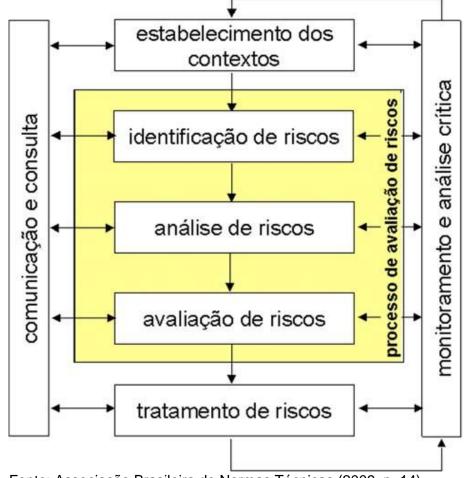


Figura 18 - Processo de gestão de riscos

Fonte: Associação Brasileira de Normas Técnicas (2009, p. 14).

Para análise de risco é preciso associá-lo à incerteza. A incerteza está relacionada com os objetivos do que se pretende quanto à manutenção da segurança dentro de certos espaços e atividades de uma organização. O risco potencial pode ser uma ameaça para o exercício de uma atividade ou negócio. A incerteza é, em grande medida, o coração do risco. É provável que se tenha algum nível de certeza que um evento tenha chance de ocorrer ou não, entretanto o mais importante é ter a real probabilidade de sua ocorrência e neutralizá-la. Da mesma forma, saber a probabilidade de um evento ocorrer e seus impactos são os dois

componentes que categorizam a magnitude do risco, conduzindo o processo de gestão de riscos e a condução das políticas organizacionais para a prevenção.

Qualquer processo de gestão de riscos segue os mesmos passos. Embora por vezes diferem da linguagem utilizada para descrever seus passos. A Figura 18 mostra os cinco passos de combinação simples e eficaz do processo de gestão de risco propostos pela ISO 31000.

A identificação do contexto em que o risco está imerso é uma das primeiras etapas para o conhecimento da organização e seus riscos. O gerente de risco deve estar sempre atendo às mudanças do ambiente interno e externo da organização. Cada organização tem que acompanhar cada passo do processo de gestão de riscos definindo como ela deve lidar com determinado nível de comprometimento com cada um deles. Os danos causados pelos riscos podem estar relacionados a riscos de mercado, riscos comerciais ou riscos de segurança. Se os riscos são administrados corretamente, promover-se-á a sustentabilidade para a organização e de suas atividades.

Inicialmente deve-se reconhecer o risco. Este passo se presta a descrever os riscos que podem trazer efeitos negativos para os resultados da organização. Há muitas maneiras após o qual se pode identificar o seu risco. Este é o momento em que se nomeia o risco, podendo encontrar-se as respostas para as perguntas seguintes: O que pode acontecer no futuro? Por que e como isso pode acontecer? Qual é a probabilidade de acontecer esse incidente? Que consequências a organização pode enfrentar por este incidente?

Para analisar os riscos, depois de tê-los identificados, é preciso calcular as consequências de cada risco dentro e fora da organização. É preciso desenvolver uma compreensão da natureza do risco e seu potencial para afetar os objetivos e metas do planejamento estratégico e das ações quotidianas do ambiente interno e externo. Nesta etapa, deve-se fazer uma lista de todos os tipos possíveis de riscos relacionados com a organização. Ela consiste em construir uma lista completa de possíveis riscos, devendo ser o primeiro alvo para atuação. No entanto, nesta etapa, deve-se determinar as causas e consequências desses riscos. Isso significa que, num primeiro momento, precisa-se calcular ou descobrir a probabilidade de acontecer os eventos que podem prejudicar a organização ou suas operações. Em

segundo instante, procura-se descobrir as consequências se esses eventos virem a ocorrer.

A avaliação do risco é o momento em que se mede e classifica o risco. Pode haver algum risco que não é necessário se preocupar. Isto é, algum risco que se pode eliminar uma vez que não terá consequências negativas. Por outro lado, talvez haja alguns riscos que devem ser considerados para explicar como eles podem mostrar enormes consequências negativas. Essas classificações de risco são adicionadas ao projeto de registro de riscos. Isso significa que é preciso, inicialmente, adicionar valor aos diferentes tipos de riscos para depois classificá-lo. Então, busca-se classificá-los da maior para a menor ordem. Ao se determinar o mais e o menos importante, avalia-se os meios e atividades para reduzir as chances de ter uma perda em decorrência de sua ocorrência, porque nesta etapa sabe-se qual o risco deve ser mais bem tratado e qual deles não tem grande impacto sobre o negócio e as operações da organização.

O tratamento dos riscos também é conhecido como planejamento de respostas a riscos. Durante esta etapa, deve-se ter um olhar mais atento sobre suas maiores imponderações. Para tanto, faz-se sua classificação e construção de um plano para tratar ou modificar esses riscos e impedir seus efeitos, caso ocorram. Neste nível, determina-se como se irá minimizar a probabilidade de seus pontos negativos, bem como melhorar as oportunidades. Constrói-se uma estratégia de mitigação de risco, planos de contingência e planos de prevenção dessas estratégias. É importante que se tenha listado os riscos em certa ordem de acordo com a sua importância e a maneira pela qual se irá tratá-los.

A revisão e o monitoramento do risco devem ser feitos a partir das tarefas mais importantes associados à gestão deles. Mesmo que se tenha terminado uma série de obras e ações, ainda assim deve-se ter mais uma tarefa, que é seu monitoramento. Nesta fase ou etapa do processo de gestão de risco é que se busca a compreensão do processo que envolveu o seu tratamento. Este é o passo final, em que se busca levar o risco do negócio ou das atividades da organização para o cenário de transformação dos ambientes em que ela está envolvida. O objetivo deste planejamento é buscar compreender as etapas para a gestão dos riscos e das atividades da organização, tendo como objetivo principal proteger os diversos

agentes que se constituem os interessados nos negócios e as operações que trazem a razão da existência do empreendimento.

4.2. APLICAÇÃO DE POLICIAMENTO PÚBLICO E PRIVADO

As forças de segurança representam simbolicamente a ordem, a norma, a tolerância e os valores de uma sociedade. No Brasil, o tema segurança pública é tradado pela Constituição Federal de 88 no seu artigo 144, que define os órgãos e as suas competências. Para efeito deste trabalho, nos centramos no policiamento público executado pela Polícia Militar, devido as suas intervenções representarem a grande maioria da atividade criminal.

Quanto à segurança privada e/ou patrimonial, o tema é tratado pela Lei Federal n.º 7.102, de 20 de junho de 1983, e pelo Decreto n.º 89.056, de 24 de novembro 1983. Para exercer a sua atividade, uma empresa necessita cumprir diversos requisitos, a fim de garantir a qualidade nos serviços prestados. A segurança patrimonial, que visa segurar a integridade de estabelecimentos e a segurança de pessoas, é regida por diversos artigos na referida lei.

Uma das soluções encontradas para mitigar riscos nas instituições de produção do conhecimento tem sido o emprego da força pública, que de forma preventiva, e eventualmente de forma repressiva, vem atuando no interior dessas instituições, efetuando o seu papel constitucional de prevenção do crime em espaços públicos.

Como se pode ver a seguir, as universidades federais do interior de Minas Gerais têm buscado interagir com a Polícia Militar com o estabelecimento de parcerias visando à redução dos riscos inerentes ao ambiente.

Em matéria do periódico eletrônico Estado de Minas, de 7 de novembro de 2013, intitulada *Presença de PMs em universidades federais é cada vez maior*, temse uma clara visão (ver também Fig. 19) do que está a ocorrer nos ambientes de produção de conhecimento:

Viaturas, homens armados e câmeras de monitoramento passam a fazer parte da rotina não apenas da Universidade Federal de Ouro Preto, mas também de outras federais no interior de Minas. A preocupação com a segurança e a ocorrência de crimes nos *campus* põem policiais militares permanentemente nas universidades de

Lavras (Ufla), no Sul do estado, e de Viçosa (UFV), na Zona da Mata. Em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, a Justiça Federal determinou a liberação de espaço no *campus* para instalação de postos permanentes da PM, mas a decisão ainda está sendo analisada pelo departamento jurídico da instituição. (TUPINAMBÁS; HOLANDA, 2013).



Figura 19 – Atuação do policiamento público

Militares atendem ocorrência no *campus* da Universidade Federal de Viçosa, na Zona da Mata. Presença policial será cada vez mais frequente para prevenção e combate a crimes. Fonte: Tupinambás e Holanda (2013).

Ainda neste mesmo periódico, tem-se a visão de um oficial de alta patente da Polícia Militar de Minas Gerais:

A presença da PM não causa qualquer prejuízo à vida universitária, na avaliação do chefe do Comando de Policiamento Especializado, coronel Antônio de Carvalho Pereira. "É claro que o ambiente acadêmico tem peculiaridades. Algumas pessoas acham que a presença policial é contrassenso, mas a polícia tem relação muito tranquila com as federais", afirmou. Sem policiamento constante, as instituições de ensino podem se tornar "ilhas" desprotegidas, alertou o oficial: "As universidades públicas são locais de livre acesso, com uma comunidade muito grande. Viram ilhas onde bandidos aproveitam para se esconder ou praticar crimes". Ele contesta a ideia de que vigilantes próprios ou terceirizados sejam suficientes para garantir a segurança: "Os infratores respeitam mais a polícia do que vigilantes, que geralmente têm pouco treinamento e missão diferente, mais voltada à defesa do patrimônio". (TUPINAMBÁS; HOLANDA, 2013).

Em que pese ainda haver uma grande resistência por parte de alunos e professores quanto à presença de policiamento público nas universidades, esta tem sido uma solução bastante frequente nas universidades públicas.

Já a segurança patrimonial é o conjunto de atividades do ramo da segurança que tem como objetivo prevenir e reduzir perdas patrimoniais em uma determinada organização. Deve ser praticada por todos os profissionais integrantes das áreas organizacionais.

As tarefas de um processo de segurança patrimonial mais comuns são:

- controle de acessos (pedestres, mercadorias e veículos);
- controle de materiais e estoque;
- prevenção de furtos e roubos;
- vigilância ostensiva.

A atividade de segurança patrimonial visa controlar riscos ao patrimônio da entidade e à integridade física das pessoas.

Para a viabilização de uma segurança efetiva, há a necessidade do atendimento/exercício de princípios de segurança, tais como:

- Estabelecer autoridade quanto às práticas de segurança, tanto para os profissionais de segurança quanto para os demais profissionais que circulam nas áreas a serem protegidas;
- 2. Assegurar legitimidade, ou seja, ter confiança nos funcionários quanto à atuação e atendimento das determinações/práticas de segurança;
- 3. Estabelecer meios (normas, por exemplo) para que ações de segurança autorizadas sejam reconhecidas como válidas;
- 4. Identificar e quantificar os bens a serem protegidos;
- 5. Estabelecer perímetros de proteção, previamente definidos, em torno do local a ser protegido;
- 6. Controlar o acesso físico aos bens e locais protegidos;
- 7. Limitar os privilégios em relação aos bens e espaços a serem protegidos;
- 8. Documentar os atos que afetem os bens e espaços protegidos;

9. Investigar ocorrências e punir desvios.

A seguir (Fig. 20), apresenta-se um esquema gráfico de produção do conhecimento acerca da segurança no *locus* universitário, que visa instrumentalizar o órgão responsável pela segurança interna na construção de um modelo para a implantação de um Programa de Segurança Universitária (PSA).

Esse modelo deve ser discutido com todos os atores envolvidos no processo, quais sejam, alunos, professores, funcionários, vigilantes, gestores e a alta administração universitária, composta pela reitoria e suas vice-reitorias, abrindo, assim, um amplo debate sobre o que querem em termos de proteção e segurança para exercerem na sua plenitude as diversas atividades de desenvolvimento do conhecimento.

Planejamento da Estratégia Geral

Instrumentação do Programa

Complemento do Diagnóstico

Monitoramento e Avaliação

Metas e Ações Emergentes

Apresentação do Plano

Recursos Humanos

Definição de Indicadores

Instrumentação de Comitê de Segurança

Definição de Instrumentação de Gestão

Normas e Contratos

Metas e Ações de Difusão

Processo de avaliação permanente

Figura 20 - Etapas de um Programa de Segurança Universitária - PSA

Fonte: autoria própria.

5 CONCLUSÃO

Gestão de risco é um processo um tanto quanto desconhecido no âmbito das universidades. Não foi intenção deste trabalho esgotar o tema nem o assunto na sua plenitude do objeto da pesquisa, até porque o tema encontra-se discutido de forma incipiente no campo da segurança pública e da segurança em instituições de ensino superior. Ressalta-se que carece de estudos mais aprofundados, bem como de ensaios que visem ao acúmulo do conhecimento e a sua exploração.

Ao contrário, ao buscar debater sobre o tema da segurança sob o enfoque do risco, entende-se que o assunto deva ser minuciosamente estudado a fim de que possam ser produzidos conhecimentos que, ao serem adotados nos *campi* da UFBA ou em qualquer outro ambiente universitário, possam desencadear um processo de atualização das práticas até então adotadas, visando minimizar os efeitos do crime e da violência dentro dos seus espaços, tornando-os cada vez mais seguros.

Quando se analisou as questões internas da organização e seus riscos, foi possível compreender que há uma necessidade emergente em se realizar um planejamento aprofundado para gestão dos riscos presentes na atividade de produção do conhecimento na Universidade Federal da Bahia, respondendo, assim, à questão de pesquisa. A partir da demonstração dos elementos que compõem o risco, atingiu-se os objetivos de trazer à tona o tema para ser discutido na gestão estratégica da universidade. Identificou-se que há risco no ambiente de produção do conhecimento. Isto se revelou pela necessidade de lidar com múltiplos ambientes presentes na universidade, tais como laboratórios, refeitórios, manipulação de materiais químicos e radioativos, entre outros. Há outro tipo de risco inerente ao conhecimento produzido. Esse, em particular, diz respeito ao tipo de conhecimento revelado e aos opositores a sua produção. Isto se revelou numa emergente necessidade de se mapear o que o produz e quais os interesses que podem impedir ou neutralizar a sua produção. Isto põe em risco direto os manipuladores e produtores desses saberes.

Por outro lado, há um risco quotidiano contido no ambiente de produção do conhecimento que é aquele derivado da segurança pública. Esse tipo de risco deve ser mitigado e discutido com toda comunidade acadêmica. Desde a produção de

"espaços defensivos" à eliminação de práticas de usos de substâncias que podem atrair e potencializar o risco de segurança dos indivíduos que participam da comunidade acadêmica e não aderem a esse tipo de atividade, deve ser discutido por todos. O benefício hedônico de alguns não deverá potencializar o risco e a segurança dos demais.

A pesquisa revelou a necessidade de instrumentalizar os órgãos e as pessoas envolvidas na construção e execução de políticas de prevenção e redução de risco para a comunidade acadêmica. Atualmente há uma vulnerabilidade decorrente de múltiplos fatores que podem maximizar os riscos e oferecer uma fragilização da segurança dos integrantes da comunidade acadêmica da universidade. Assim, é imperiosa a constituição de um "comitê" de gestão de riscos da organização de ensino.

Da análise geral dos riscos e da segurança da comunidade da Universidade Federal da Bahia e a segurança de seus parceiros interessados (alunos, professores, funcionários, fornecedores e população de modo geral), constatou-se que há evidências concretas de existências de riscos que precisam ser tratados para evitar problemas de segurança nos *campi* da Universidade. Deve-se buscar introduzir a discussão sobre os riscos presentes na atividade de produção do conhecimento à medida de sua existência e dos fenômenos ocorridos no meio em que ele é produzido, conforme se constatou nesta pesquisa. O *campus* de Ondina se revelou como um *locus* potencial onde se verifica uma diversidade de riscos para produção do conhecimento e para a comunidade acadêmica que demanda pelo serviço de educação e formação profissional. Verificou-se que a "teoria do risco" é adequada para compreender o fenômeno da insegurança pública sob a perspectiva do risco. Assim, emerge a necessidade de se aprofundar estudos para aplicação de planejamento adequado à realidade fática examinada.

Para implementar o gerenciamento de risco em uma universidade não se deve esquecer que um dos passos mais importantes é criar a consciência e sensibilizar as pessoas para a cultura dos riscos, para serem eles mesmos responsáveis por monitorar e avaliar seus processos. Em que pese existirem órgãos públicos externos e internos responsáveis pela implantação e manutenção de um ambiente seguro e com os riscos sob controle, devem todos os envolvidos e entes ser responsáveis por manter um ambiente de paz e tranquilidade, quiçá participando

de Comitês Técnicos para a realização de diagnósticos de riscos. Com isto, estar-seá trazendo para o centro das diversas e importantes discussões universitárias a segurança.

Aqui cabe ainda uma última reflexão, a de que risco e oportunidade estão intrinsecamente relacionados, seja qual for a natureza da atividade humana. A oportunidade surge de um risco. Desse modo, o tema da segurança no *locus* de produção do conhecimento, sob essa perspectiva, pode vir a colaborar para que haja uma união de todos os atores (alunos, professores, funcionários) deste processo com o objetivo claro de buscar a transformação de um ambiente inseguro para outro aceitavelmente seguro, quebrando, assim, um paradigma que se estende por gerações e gerações, por séculos e séculos.

Como dito acima, o tema risco ainda é muito incipiente no campo da segurança pública, e mais ainda nas instituições de produção do conhecimento, no caso as universidades federais e especificamente a Universidade Federal da Bahia.

Contudo, o conhecimento sobre o tema há de ser produzido, estudado, trabalhado e aplicado. Ajustes são necessários e deverão ocorrer, sendo que sempre dentro da filosofia da gestão universitária, não significando necessariamente uma mudança de rumo ou o desenvolvimento de um novo modelo de gestão. Assim, a questão da segurança deverá evoluir para uma gestão de riscos, de forma adaptativa, que contemple fatores culturais, sociais, ambientais e que atenda aos anseios da comunidade acadêmica, gerando, assim, um clima de confiança mútua, utilizando-se de ferramentas específicas e personalizadas, sempre voltadas para a aplicação da técnica e da profissionalização.

No desenvolvimento do trabalho foram apresentados o tema e as possibilidades de sua aplicação no ambiente universitário. Cabe agora aos gestores acadêmicos buscar implementá-los, bem como criar condições e políticas voltadas a estimular a busca e o domínio do conhecimento. Que esta produção seja um embrião para novas pesquisas e que o tema possa envolver toda a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Betâmio de. Gestão do risco e da incerteza. Conceitos e filosofia subjacente. In: LOURENÇO, Luciano; TEDIM, Fantina. (Org.) **Realidades e desafios na gestão dos riscos:** diálogo entre ciência e utilizadores. Coimbra: Coimbra University Press, 2014. cap. 2, p. 19-29.

ALVES, Alan Tiago; GONÇALVES, Gabriel. Alunos da UFBA espalham placas ironizando crimes perto de faculdade. **G1**, São Paulo, 27 out. 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/10/alunos-da-ufba-espalham-placas-ironizando-violencia-na-regiao.html >. Acesso em: 2 mar. 2016.

APÓS morte de colega, alunos da UFBA cobram segurança. **A Tarde**, Salvador, 29 mar. 2014. Disponível em: http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/aposmorte-de-colega-alunos-da-ufba-cobram-seguranca-1579847. Acesso em: 2 mar. 2016.

ARAÚJO, Rayane. Seguranças da UFBA são amarrados, trancados e roubados. **A Tarde**, Salvador, 15 mar. 2016. Disponível em: http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1754560-segurancas-da-ufba-sao-amarrados-trancados-e-roubados. Acesso em: 15 mar. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR ISO 3100: Gestão de riscos - Princípios e diretrizes. Rio de Janeiro, 2009.

ATAQUE a bomba mata cientista nuclear do Irã, diz TV estatal. **iG São Paulo**, São Paulo, 11 jan. 2012. Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/ataque-a-bomba-mata-cientista-uclear-do-ira-diz-tv-estatal/n1597565697493.html. Acesso em: 2 mar. 2016.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco mundial**: em busca da segurança perdida. Lisboa: Edições 70, 2015.

BERNSTEIN, Peter L. **Desafio aos Deuses:** A fascinante história do risco. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOOTH, Wayne. C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, Thais. Após incêndio em 2009, Instituto de Química sofre com obras atrasadas. **Correio 24 horas**, Salvador, 7 abr. 2015. Disponível em: . Acesso em: 2 mar. 2016.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Brasília: SENAD, 2010. Disponível em: http://www.grea.org.br/userfiles/GREA-ILevantamentoNacionalUniversitarios.pdf.

Acesso em: 2 mar. 2016.

BRASILIANO, Antônio Celso Ribeiro. **Planejamento da Segurança Empresarial – Metodologia e Implantação**. São Paulo: Brasiliano & Associados: Sicurezza: Cia das Artes, 1999.

CALIMAN, Lorena. Após assalto a carro-forte em campus, alunos da UFBA listam pontos críticos. **Correio 24 horas**, Salvador, 22 fev. 2013. Disponível em: . Acesso em: 2 mar. 2016.

COMMITTEE OF SPONSORING ORGANIZATIONS OF THE TREADWAY COMMISSION (COSO). **Gerenciamento de Riscos Corporativos** - Estrutura Integrada. [S.I.], 2007.

COSTA, Diogo. Sensação de insegurança é recorrente no *campus*, relatam alunos da UFBA. **Correio 24 horas**, Salvador, 27 maio 2015. Caderno Salvador. Disponível em: . Acesso em: 2 mar. 2016.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ESTUDANTES denunciam sequência de assaltos na UFBA; universidade nega crimes. **Varela Notícias**, Salvador, 25 fev. 2016. Disponível em: http://varelanoticias.com.br/estudantes-denunciam-sequencia-de-assaltos-na-ufba-universidade-nega-crimes/. Acesso em: 2 mar. 2016.

FOUREAUX, Rodrigo. Atuação da polícia militar em campi de universidades federais. **JusBrasil**, [S.I.], 2012. Disponível em: http://rodrigofoureaux.jusbrasil.com.br/artigos/121942855/atuacao-da-policia-militar-em-campi-de-universidades-federais. Acesso em: 2 mar. 2016.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. **Metodologia qualitativa na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

INCÊNDIO atingiu o Instituto de Química da UFBA por 4 horas. **Correio 24 horas**, Salvador, 21 mar. 2009. Disponível em:

http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/incendio-atingiu-o-instituto-dequimica-da-ufba-por-4-horas/. Acesso em: 2 mar. 2016.

JUNTAMENTE com Polícias, UFBA apura assalto no campus de Ondina. **UFBA em Pauta**, Salvador, 20 fev. 2013. Disponível em:

https://www.ufba.br/noticias/juntamente-com-pol%C3%ADcias-ufba-apura-assalto-no-campus-de-ondina. Acesso em: 2 mar. 2016.

KENNEDY, Leslie W.; CAPLAN, Joel M.; PIZA, Eric L. A Primer on the Spatial Dynamics of Crime Emergence and Persistence. Newark: Rutgers Center on Public Security, 2012.

KÖCHE, José Carlos. **Pesquisa científica**: critérios epistemológicos. Petrópolis, RJ: Vozes; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

MORIN, Edgard. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Piaget, 2003.

NEWMAN, Oscar. **Creating defensibles spaces.** Institute for Community Design Analysis. Washington, D.C: U.S. Department of Housing and Urban Development - Office of Policy Development and Research, 1996.

NICOL, Bran; McNULTY, Eugene; PULHAM, Patricia. **Crime Culture**: Figuring Criminality in Fiction and Film. New York: Continuum International Publishing, 2011.

O'BRIEN, Martin; YAR, Majid. **Criminology**: The Key Concepts. New York: Routledge, 2008.

PINO, Nathan W. Democratic policing in transitional and developing countries. Texas State University – San Marcos, USA: Athenaeum Press, Ltd, 2006.

POPPER, Karl R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1972.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005.

REBELO, Fernando. Terminologia do risco. Origens, dificuldades de tradução e bom senso. In: LOURENÇO, Luciano; TEDIM, Fantina. (Org.) **Realidades e desafios na gestão dos riscos:** diálogo entre ciência e utilizadores. Coimbra: Coimbra University Press, 2014. cap. 1, p. 7-17.

SCHÄFFER, Neiva Otero et al. **Um globo em suas mãos**: práticas para a sala de aula. 3. ed. rev. Porto Alegre: Penso, 2012.

TERRORISTAS islâmicos matam 147 pessoas em universidade no Quênia. **G1**, São Paulo, 3 abr. 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/terroristas-islamicos-matam-147-pessoas-em-universidade-no-quenia.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

TUPINAMBÁS, Glória; HOLANDA, Tiago de. Presença de PMs em universidades federais é cada vez maior. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 7 nov. 2013. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/11/07/interna_gerais,468129/presenca-de-pms-em-universidades-federais-e-cada-vez-maior.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2016.** Salvador: Edufba, dez. 2012.

VELLOSO, Luana; MARTINS, Rita. Violência dentro e nos arredores da universidade. **Impressão Digital 126**, Salvador, 16 jul. 2013. Disponível em: http://impressaodigital126.com.br/?p=11451. Acesso em: 2 mar. 2016.

VIOLÊNCIA dentro das universidades do Brasil assusta estudantes. **G1**, São Paulo, 14 abr. 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/04/violencia-dentro-das-universidades-do-brasil-assusta-estudantes.html. Acesso em: 2 mar. 2016.

APÊNDICE A – Questões Operacionais (Análise de Riscos)

DADOS A SEREM LEVANTADOS

- Quantidade de cursos oferecidos;
- Quantidade de alunos;
- Quantidade de professores;
- Quantidade de funcionários;
- Quantidade de terceirizados;
- Existência de sistemas eletrônicos;
- Existência de barreiras físicas;
- Perfil dos profissionais da segurança;
- Normas e procedimentos existentes;
- Entrevistas com principais gestores;
- Registros de ocorrências por ano (tipos);
- Características do entorno e limites;
- Área geográfica do campus;
- Iluminação pública;
- Quantidade e locais de acessos;
- Estrutura da segurança da UFBA;
- Planejamento atual da segurança na UFBA;
- Existem relatórios recentes sobre a segurança na UFBA?
- Existem políticas e diretrizes para o setor? Plano de segurança?

- Estrutura organizacional interna para o setor. Número de funcionários próprios;
- Gerenciamento reitoria versus unidades universitárias. Orçamento e despesa realizada em segurança;
- Modelo de terceirização de serviços. Contratos de prestação de serviços de segurança; critérios adotados para instalação de postos e agentes de segurança (campi – unidades; número de agentes e postos. Vigilância armada. Há registro de assalto aos agentes armados? Há comunicação entre empresa terceirizada e órgão de segurança pública?
- Vigilância motorizada; vigilância por imagem; sistema de comunicação de voz;
 sistemas de gerenciamento por Tecnologia da informação e comunicação (TIC);
- Controle dos contratos: assiduidade dos agentes, presteza na prestação de serviços, seleção e treinamento dos agentes; controles dos cumprimentos trabalhistas e sociais das empresas;
- Formas de registro de ocorrências; há registro estatístico de ocorrências? Há uma área/função de inteligência em segurança?
- Há convênio ou relações informais com órgãos da segurança pública do Estado?
 Apoio prestado pela PF;
- Problemas críticos em segurança identificados pelos dirigentes; ações realizadas e a realizar com relação à segurança, inclusive fatores como iluminação, urbanização, etc.;
- Situação de acesso à UFBA (guaritas, portarias, etc.).

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE DIREITO MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA, JUSTIÇA E CIDADANIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

NOME:

TYONE.	
FUNÇÃO:	TEMPO NO CARGO:
FORMAÇÃO ACADÊMICA:	
ORIGEM PROFISSIONAL:	
QUANTO A CORRER RISCOS: Recusa-	se; Prefere não correr; Neutro; Aceita;
1) A UFBA tem uma política efetiva de gestão de riscos?	
2) Os riscos existentes são compreendidos por todos?	
3) Se houver, o controle dos riscos é centralizado?	
4) A UFBA periodicamente revisa seus controles internos?	
5) A gestão de riscos está integrada à cultura universitária?	
6) Procedimentos formais são adotados para os riscos reportados?	
7) O nível de controle interno é adequado para os riscos enfrentados?	
8) A UFBA possui uma política aprovada de gestão de riscos?	
9) Quais são os principais tipos de risco que ocorrem no campus de Ondina?	
10) A UFBA possui metodologia para quantificar os riscos?	

- 11) O risco é considerado, documentado e utilizado para a tomada de decisões?
- 12) Existe um responsável na UFBA pela gestão de riscos? Quem?
- 13) Em termos de gestão de riscos, a empresa terceirizada participa desse processo? Tem consultoria?
- 14) Havendo gestão de riscos, quais os métodos utilizados? Experiência, intuição, percepção e julgamento? Análise de cenário, SWOT? Matriz de probabilidades? Software de gerenciamento de risco?
- 15) Se aplicados algum desses, acredita que efetivamente contribuem para a redução dos riscos?
- 16) Na formulação de planos de ação, projetos e/ou planejamentos, o risco é considerado no processo?
- 17) Acredita que a aplicação da gestão de riscos possa melhorar e/ou aprimorar os resultados efetivos da segurança no *campus* de Ondina?
- 18) Acredita que existem riscos de natureza social, no campo da segurança no interior do *campus* de Ondina?

Considerações finais: